

DEMANDAS INFANTOJUVENIS DO SERVIÇO ESCOLA DE PSICOLOGIA - UFPEL: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL

PÂMELA PIEPER DOS SANTOS¹; AMANDA MOURA QUINZEN²; KAROLINE
DOS SANTOS FOSTER³; RAFAELLA AMOZA KLEIN⁴; SILVIA NARA SIQUEIRA
PINHEIRO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – pamela.pieperds@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amanda.quinzen@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – karolfoster0711@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rafaellaklein@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – silvianarapi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar o perfil das crianças atendidas no estágio de clínica e no projeto de Avaliação e Intervenção em Crianças com queixa escolar (AICs) no Serviço Escola de Psicologia (SEP). O estudo tem como base a perspectiva teórica da Psicologia Histórico-Cultural, principalmente nas ideias de Vygotsky, Elkonin, Leontiev e Luria. Para esta teoria, a queixa escolar é compreendida como um fenômeno multideterminado que deve ser analisado em sua totalidade, pelos ângulos ideológico, político, institucional, relacional e individual. Dessa forma, possibilita melhor entendimento da história do aluno e, conseqüentemente, da demanda do mesmo (PINHEIRO; FRISON; MIGUEIS, 2022; SOUZA, 2023).

No decorrer da história, percebe-se que as várias explicações construídas para a queixa escolar responsabilizam o aluno pelo baixo desempenho acadêmico ou reprovação escolar. Essa abordagem tende a ignorar o contexto social em que o indivíduo está inserido, o que é fundamental para reconhecer a individualidade do aluno e evitar o estigma e a marginalização (POZZOBON; MAHENDRA; MARIN, 2017). Ao atribuir exclusivamente à criança a responsabilidade pela queixa, minimiza-se a complexidade das relações e dos fatores contextuais que influenciam o processo de aprendizagem (SCHWEITZER; SOUZA, 2018).

Assim sendo, frequentemente levam ao encaminhamento de alunos para profissionais da saúde, o que por vezes resulta na medicalização precoce das crianças. Esse fenômeno crescente tem promovido a simplificação e individualização das queixas escolares, resultando em diagnósticos patológicos, processo que não só limita a individualidade, ao atribuir culpa somente à criança, ao/à responsável ou ao/à professor/a, como também silencia e exige a sociedade da responsabilidade com o desenvolvimento das crianças (SCHWEITZER; SOUZA, 2018; GUARAGNA; ASBAHR, 2022). Dessa forma, não se atenta ao processo de escolarização, às desigualdades sociais e, por consequência, invisibiliza a sociedade, muitas vezes representada na escola (SOUZA; SOBRAL, 2010; LEONARDO; LEAL; ROSSATO, 2012; COELHO; FACCI, 2019). Romper com esta leitura é urgente, pois ela camufla e oculta a realidade social construída historicamente pelos humanos. A educação escolar é fonte de desenvolvimento

das crianças, o caminho para a apropriação dos conhecimentos construídos historicamente na sociedade (LEONARDO; LEAL; ROSSATO, 2012).

2. METODOLOGIA

O método da pesquisa foi um estudo descritivo de base documental. As pesquisas descritivas possuem a finalidade de apresentar características de dada população ou fenômeno e as pesquisas de fonte documental são utilizados dados de documentos já existentes com finalidades diversas (GIL, 2022). Realizou-se a análise das entrevistas de anamneses e dos prontuários das crianças atendidas no ano de 2024 no estágio de clínica e no projeto de avaliação e intervenção em crianças com queixa escolar no SEP. Os dados colhidos foram idade, sexo, série, nível socioeconômico, motivo do encaminhamento, quem o realizou e se a criança toma alguma medicação. A análise dos dados foi de conteúdo do tipo temática (MINAYO, 1993) e frequências simples.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram problematizados a partir do motivo do encaminhamento, de modo em que as queixas de que os pacientes não aprendem ou têm dificuldades para aprender ficaram na categoria intitulada aprendizagem e, as queixas como agitação, problemas emocionais e introspecção, na categoria nomeada comportamentos. Esses encaminhamentos foram realizados pelo setor de Pediatria da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e por uma escola municipal situada na cidade.

Identifica-se que 53,8% dos pacientes são do sexo feminino, enquanto 46,2% são do masculino. As idades variam entre sete (07) e catorze (14) anos, obtendo a média de nove (09) anos e sete (07) meses, sendo: 30,8% com 9 anos; 23,1% com 8 anos; 23,1% com 10 anos; 7,7% com 11 anos, 7,7% com 13 anos e 7,7% com 14 anos. Esses pacientes frequentam desde o primeiro até o 9º ano do Ensino Fundamental, todos oriundos de escola pública. A escolaridade dos alunos: 30,7% no terceiro ano; 23,1% no quinto ano; 15,4% no quarto ano; 7,7% no primeiro, segundo, sexto e sétimo ano.

Com relação à classe socioeconômica, destaca-se que, dentre as classificações propostas pelo site INFOMONEY (2022), 72,92% das crianças se encaixam nas classes D/E. Apenas 15,38% se enquadram na classe C e 7,69% na classe B.

No que se refere à categoria aprendizagem, identifica-se nos encaminhamentos que 38,46% das crianças apresentam dificuldades na aprendizagem, no que diz respeito à escrita, cálculo e leitura, sendo 20% dessas crianças com o diagnóstico de Deficiência Intelectual Leve. Esses dados confirmam o que GUARAGNA; ASBAHR (2022), SOUZA; SOBRAL (2010), LEONARDO; LEAL; ROSSATO (2012) E COELHO; FACCI (2019) apontam quando constatarem que se desconsidera os fatores socioculturais envolvidos na aprendizagem, atribuindo culpa a criança, sendo a mesma encaminhada para atendimento psicológico e, por vezes, médicos, a fim de resolver tais dificuldades e justificá-las por meio de laudos.

Com relação à categoria de comportamento, incluem-se 30,77% das crianças com queixas de agitação, 30,77% com falta de atenção, 15,38% com

diagnóstico ou suspeita de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, 15,38% com conflitos emocionais, 7,69% com introspecção e 7,69% com queixa de homossexualidade.

Vale a ressalva de que cada criança carrega um conjunto de queixas e essas podem coexistir. Diante desses dados, pode-se pensar as queixas sob a perspectiva de SCHWEITZER e SOUZA (2018), PINHEIRO, FRISON e MIGUEIS (2022), SOUZA e SOBRAL (2010), LEONARDO, LEAL e ROSSATO (2012), COELHO e FACCI (2019) os quais compreendem que as demandas escolares são condizentes com a ideia de que o indivíduo se constitui na relação com o outro e que isso pode contribuir na formação e conservação das queixas, uma vez que a responsabilização da criança pelas suas dificuldades anulam todo seu contexto, inclusive a escola. Com relação às demandas envolvendo a agitação e diagnóstico de TDAH, identifica-se um desejo de que as crianças mantenham-se quietas e sentadas durante as aulas, contrapondo a natureza dessa fase da vida, em que há a necessidade de relacionar-se com o outro para que as mesmas se desenvolvam (SCHWEITZER; SOUZA, 2018).

Desse grupo de pacientes, constatou-se, também, que 15,38% dos pacientes utilizam algum tipo de medicação. Destaca-se que 50% deles administra quatro tipos de medicamentos diariamente e com tamanha dosagem, passou a regredir em seus comportamentos. Tal dado corrobora com a naturalização e biologização da queixa, investindo nos diagnósticos e na medicação como resolução de todas situações-problemas existentes na escola, como se, de fato, fossem somente questões orgânicas (GUARAGNA; ASBAHR, 2022).

4. CONCLUSÕES

De forma a concluir, infere-se que os atendimentos prestados às crianças fornecem uma bagagem de aprendizado e práticas fundamentais para a formação profissional em Psicologia. A investigação de diferentes perfis dentro de uma faixa etária específica abrange queixas relacionadas à aprendizagem e ao comportamento, evidenciando a complexidade dos diferentes contextos que permeiam o desenvolvimento infantil durante a fase escolar. Além disso, a pesquisa realizada neste estudo permitiu aprofundar e questionar os dados apresentados, buscando analisar cada paciente de forma individual e a partir do seu contexto, mesmo considerando o ensino fundamental como ambiente comum entre eles.

Ademais, é possível afirmar que a perspectiva teórica da Psicologia Histórico-Cultural adotada neste estudo oferece referencial fundamental no auxílio do desenvolvimento das crianças, sendo possível constatar avanços significativos ao longo das intervenções. Dessa forma, identifica-se que a compreensão da multifatorialidade das queixas contribui para a diminuição da pressão sobre as crianças, considerando a responsabilização da escola e também da família. Assim, o desenvolvimento passa a ser reconhecido como agente integral, o que favorece o processo de ensino-aprendizagem das mesmas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, P. C.; FACCI, M. G. D. O determinismo biológico presente na compreensão das dificuldades no processo de escolarização. In: FACCI, M. G. D.; LEONARDO, N. S. T.; SOUZA, M. P. R. de. **Avaliação psicológica e**

escolarização: contribuições da psicologia histórico-cultural. Editora da Universidade Federal do Piauí–EDUFPI, 2019. p. 61-91.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2022

GUARAGNA, C.; ASBAHR, F. S. F. Queixas escolares e outros fenômenos das escolas a partir da Psicologia Histórico-Cultural: um estudo de metapesquisa. **Teoria e Prática da Educação**, v. 25, n. 1, p.118-134, 2022. Acessado em 19 set. 2024. Online. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/61560/751375154284>

INFOMONEY. **Classes D e E continuarão a ser mais da metade da população até 2024, projeta consultoria**. Infomoney, s/l, 26 abr. 2022. Acessado em 05 set. 2024. Online. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>

LEONARDO, N. S. T., LEAL, Z. F. R, ROSSATO, S. P. M. **Pesquisas em Queixa Escolar: desvelando e desmistificando o cotidiano escolar**. Maringá: Eduem, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1993.

PINHEIRO, S. N. S.; FRISON, L. M. B.; MIGUEIS, M. da R. Análise de uma intervenção por meio de jogos em crianças com história de insucesso escolar. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 114-137, 2022. Acessado em 19 set. 2024. Online. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/51202/40791>.

POZZOBON, M.; MAHENDRA, F.; MARIN, A.N. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.21, n.3, p.387-396, 2017. Acessado em: 19 set. 2024. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/vCKgzC7TyrCzNyhyKVvZkrf/?format=pdf&lang=pt>.

SCHWEITZER, L.; SOUZA, S., V. Os sentidos atribuídos à queixa escolar por profissionais de escolas públicas municipais. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.22, n.3, p.565-572, 2018. Acessado em: 19 set. 2024. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/H5KZwJDzwwyJ3GCzxwXLFHd/?format=pdf&lang=pt>.

SOUZA, B. de P.; SOBRAL, K. R. Características da clientela da orientação à queixa escolar: revelações, indicações e perguntas. In: SOUZA, B. de P. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p. 119-134, 2020.

SOUZA, M. P. R. de. Prontuários revelando os bastidores do atendimento psicológico à queixa escolar. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 82-107, jun. 2005. Acessado em 19 set. 2023. Online. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000100008&lng=pt&nrm=iso>.